

Economista sugere moratória temporária para manter reservas

por Cecília Costa
do Rio

O economista liberal John Kenneth Galbraith, disse, ontem, no Hotel Glória, após realizar para empresários uma palestra bem-humorada sobre a economia mundial, afirmou que, se o País viesse a perder mais reservas internacionais, "deveria solicitar aos credores uma moratória temporária, pois tem poder de barganha para isso".

Apenas uma palavra, comentou, não deve ser utilizada nunca no mercado financeiro internacional, porque os banqueiros não gostam: inadimplência. Isso não quer dizer que não possa ser praticada, "pois todo o resto da semântica dos empréstimos não só deve ser empregado, como esgotado nas negociações". Não há problema algum, por exemplo, observou, com expressões como "empréstimos prorrogados, rolados, com problemas, ou ativos sem rendimento".

ENDURECER

Além de pedir moratória,

se as contas externas vierem a se deteriorar mais, o professor de Harvard e embaixador dos EUA na Índia durante o governo Kennedy, que está no Brasil desde sexta-feira, acompanhado de sua esposa, Catherine, também propôs que fosse feita maior restrição às importações. "Mas estou falando sem conhecimento de causa sobre o assunto, porque não sei qual é o nível atual das reservas brasileiras."

Caso não exista necessidade, a curto prazo, de recorrer à suspensão total do pagamento da dívida, o que o Brasil tem de fazer, voltou a dizer, como vem afirmando desde que chegou, é "endurecer nas negociações". Esse endurecimento teria dois objetivos básicos: reduzir o pagamento de juros e obter maior prorrogação de prazos.

O que não deve, de forma alguma, ser solicitado, segundo Galbraith, são novos empréstimos, "porque não faz sentido pedir mais empréstimos para pagar antigos".

Entre os países credores existem dois que, de acordo



John K. Galbraith

com o economista canadense, não podem reagir conservadoramente a um endurecimento do Brasil na questão do endividamento externo: um deles são os Estados Unidos e o outro o Canadá.

Em sua palestra, recorreu a prática dos EUA e do Canadá quanto a dívidas contraídas junto à Inglaterra

no século XIX. Essas duas grandes nações, "tão sérias", não honraram os empréstimos tomados, que tiveram como objetivo, sobretudo, financiar a construção de ferrovias. A quebra dos acordos chegou, no caso dos EUA, a ser julgada por um juiz internacional, que deu ganho de causa para o país inadimplente.

Admirador de Keynes, seu orientador em Oxford em 1937, Galbraith, para reforçar a tese de que o Brasil tem condições de dobrar seus credores, lembra uma frase muito conhecida do grande economista inglês: "Quem deve 1.000 libras a um banqueiro está à mercê desse banqueiro. Mas se deve 10 milhões de libras, tem o banqueiro à sua mercê". Quanto ao caso atual da América Latina, fez ainda uma observação pessoal: "Banqueiros insensatos, que emprestaram dinheiro a governos insensatos, não devem esperar retorno".